

Editorial

É com alegria que apresentamos aos nossos leitores a Revista 3 do ano de 2010, com a já habitual pontualidade de publicação aos nossos autores e autoras. Esta revista apresenta o Dossiê Educação, Conflitos e Violências na Escola, textos de demanda contínua e resenha.

Os Conflitos e as violências na escola são os temas principais dos artigos que compõem o dossiê da revista, organizado pela Profª Drª Lúcia Salete Celich Dani, líder do Grupo de Estudos em Afetividade e Moralidade (Afetos Morais) e pelo Prof. Dr. Jorge Luiz da Cunha, líder do Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória – Povo de Clio.

Os conflitos são inerentes à constituição do humano e, um dos componentes atuantes nas relações interpessoais. Através dos conflitos as pessoas aprendem, ultrapassam as dificuldades, mas também podem construir aspectos desfavoráveis para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, os conflitos apresentam elementos positivos e negativos de acordo como são valorizados os sentimentos neles envolvidos e a maneira como são solucionados.

Um conflito positivo constitui-se em um processo que favorece a convivência e as relações interpessoais. Já, um conflito negativo desfavorece as trocas interpessoais, impedindo a cooperação e o diálogo. Muitas vezes esses conflitos geram violências que desrespeitam e agridem as pessoas.

Desta maneira, os conflitos tanto positivos quanto negativos estão presentes em todas as esferas da sociedade (família, escola, instituições), em todas as culturas, em todas as idades e em todas as classes sociais.

Sendo a escola um componente da esfera social não pode ignorar os conflitos que emergem nas relações interpessoais entre todos aqueles que fazem parte do seu cenário. É necessário que o corpo docente, discente e demais membros da comunidade escolar envolvam-se na discussão sobre os conflitos, seus sentimentos e os caminhos alternativos para a construção de relações interpessoais pautadas no respeito mútuo, na não violência e em valores como a generosidade, a justiça, a coragem e a compaixão.

Os artigos deste dossiê provocam àqueles que educam a refletir sobre a escola, seus conflitos, limites e possibilidades de mudança. Apresentamos, aos nossos leitores, sete textos, com diferentes formas, facetas e campos conceituais para abordar questões pertinentes ao tema em foco.

Nosso desafio fundamental é instigar múltiplas formas de pensar os conflitos e as violências escolares. É, portanto, possível lembrar sobre a atualidade das idéias piagetianas¹ quando escreve que “Pensar é procurar por si mesmo, é criticar livremente [...]. [...] é evidente que uma educação do pensamento, da razão e da própria lógica é necessária e que é esta a primeira condição da educação da liberdade”.

O primeiro texto, intitulado **Encuentros y convivencia escolar** de Mònica Gijón Casares e Josep Maria Puig Rovira trata acerca do mal estar

Educação

escolar enfocando as violências, a indisciplina e os conflitos. Neste texto, apresentam a idéia de reconhecimento intersubjetivo como forma de melhorar as relações interpessoais, na escola. Os achados do estudo etnográfico permitiu organizar considerações sobre como deveria ser a relação pedagógica com vistas a melhoria do clima escolar.

Lúcia Salete Celich Dani é autora do texto intitulado **Escola: os conflitos sociomoraís e a construção da personalidade moral**. O texto apresenta reflexões sobre os conflitos sociomoraís e as violências presentes no ambiente escolar. As informações para o artigo foram coletadas durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa: "Personalidades Moraís em Construção: os conflitos sociomoraís e os sentimentos". A pesquisa teve como objetivos investigar como as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental trabalhavam com as situações de conflitos sociomoraís e com os sentimentos presentes nesses eventos, para, assim, compreender as repercussões na personalidade moral autônoma dos alunos. A investigação revelou um universo de dados que apontaram para a existência de conflitos e violências tanto na relação aluno-aluno quanto na relação professor-aluno.

Políticas e práticas curriculares, multiculturalismo e violência nas escolas é de autoria de Ana Maria Eyng. A autora apresenta reflexões sobre as tensões que circundam o ambiente escolar. Nesse sentido, aborda como o jogo de forças e a diversidade de interesses nas relações escolares quando não bem trabalhadas podem gerar e aumentar as violências. Além disso, a autora argumenta como a educação básica de qualidade para todos, entendida sob um prisma contemporâneo, implica na discussão das questões políticas, econômicas e culturais que incidem na configuração do espaço escolar e, conseqüentemente, no modo como as relações de poder e as identidades são projetadas e atravessam o currículo, incorrendo na forma como a gestão desse espaço é organizada. A análise dessas múltiplas causas e implicações pode auxiliar na compreensão do jogo de forças que ocasionam as violências escolares. Essa compreensão permite esboçar possibilidades para assumir o compromisso de tornar a educação básica de qualidade para todos.

Áurea Maria Guimarães em **Novos regimes de ver, ouvir e sentir afetam a vida escolar**, parte da ideia de que todos nós estamos envolvidos com o poder e, por conseguinte, com a violência. Seu objetivo, no artigo, é pensar sobre a forma como a violência afeta todos os membros da comunidade escolar e como estes são capturados por opiniões/representações que acabam bloqueando as "vias de passagem" aos atos violentos. A autora manifesta idéias que caminham em uma perspectiva diferente das propostas educativas neoliberais. Nesse sentido, desafia alunos e professores a construir as suas diferenças em espaços criativos nos quais não seja mais necessário "mapear", "dominar", "vigiar" e "treinar" condutas.

O texto de Carmen Campoy Scriptori e Jair Fortunato Borges Junior intitula-se: **Discriminação e preconceito como fatores de violência e atitudes docentes como fator de promoção de resiliência na escola**. Os autores buscam refletir sobre fatores que interferem na construção do sujeito,

especificamente a promoção de resiliência no sujeito dentro de um recorte étnico-racial afrodescendente. Foi utilizada como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória, de tipo *ex post facto*, com estudo de caso, por meio de entrevista aberta, com base no Método Clínico Crítico de Piaget. A análise dos dados permitiu inferir que quando um sujeito é enormemente prejudicado pelas circunstâncias do meio pode transcender a tais prejuízos, desde que receba acolhimento e ajuda efetiva de outro(s) ser(es) humano(s), inclusive de seus professores.

Luciene Regina Paulino Tognetta e Telma Pileggi Vinha no texto intitulado **Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social** refletem, sobre uma grave forma de violência escolar. Numa investigação com 400 alunos de escolas públicas e particulares brasileiras, é comprovada a ocorrência de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, entre tais alunos. Procurando diagnosticar a realidade vivida, entrevistadas, crianças e adolescentes apontam para o bullying como um problema sério que as atinge. No entanto, os dados mais significativos encontrados por essa investigação dizem respeito a uma questão que, propositalmente, fora inserida no questionário sobre bullying (baseado nos experimentos de Dan Olweus): crianças e adolescentes são menosprezados, humilhados ou zombados pelos próprios professores. Tal afirmação permite concluir que há ainda na escola uma lacuna quanto às formas pelas quais educadores de diferentes níveis escolares intervêm nos conflitos cotidianos, assim como pensam a formação moral de seus alunos.

O último texto do dossiê: **Grafite e pichação: formas de resistência e participação juvenis?** escrito por pesquisadoras do Grupo Violar, Dirce Zan, Elise Batista, M. Teresa de Arruda Campos, Nathália Raggi e Tatiana Lima de Almeida, tem como objetivo fazer um levantamento teórico e uma reflexão acerca dos fenômenos da grafiteagem e da pichação em relação às juventudes. O texto propõe a construção de um caminho onde o tripé participação social, cuidado de si e cuidado do outro, conjugado aos verbos inventar, resistir e criar podem fazer toda a diferença no processo de produzir uma vida singular, ética e que pode ser apreciada e vivida como uma obra de arte.

Ken Zeichner escreve o artigo de abertura da sessão de Demanda contínua. No artigo **Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades**, o autor discute um dos problemas centrais que tem afligido, já alguns anos, as escolas normais superiores e os estágios supervisionados dos cursos de formação de professores na universidade: a desconexão entre os componentes curriculares acadêmicos e escolares. Refere a criação de espaços híbridos, “terceiro espaço”, na formação de professores no qual o conhecimento empírico e acadêmico e o conhecimento que existe nas comunidades estão juntos de modo menos hierárquico na aprendizagem docente, representando uma mudança de paradigma na epistemologia dos programas de formação de professores.

Educação

A análise sobre a educação na cidade de Pelotas, utilizando os Relatórios Intendenciários do Governo de Augusto Simões Lopes (1924-1928) é de autoria de Maria Augusta M. de Oliveira, Elomar Tambara, Giana L. do Amaral. O artigo aborda, através da análise dos Relatórios Intendenciários produzidos pelo governo de Augusto Simões Lopes, intendente de Pelotas de 1924 a 1928, as discussões sobre educação no período. A análise dos documentos, juntamente com o embasamento em referenciais teórico-metodológicos, permitiu perceber que a educação foi a forma encontrada de fortalecer a República ainda jovem, inculcando símbolos e crenças na população, difundindo o amor pela pátria pelas cidades e pelas zonas mais longínquas. E foi especialmente no ensino primário que se encontrou essa possibilidade.

O artigo **Modernidade, pós-modernidade e os reflexos na educação** é de autoria de João Manuel Roratto. O autor discute conceitos de modernidade e de pós-modernidade, com base em pensadores como Habermas, Chauí, Bauman, Oliveira, Boff, entre outros, para entender como eles repercutem na sociedade contemporânea. O artigo aponta para o fato que a educação não pode abrir mão de seu papel de, compreendendo os novos tempos, adequar-se às necessidades do ensino, para com o uso de uma ética humanizatória, tornar as relações menos competitivas e mais humanas.

“Meninos versus meninas: representações de gênero em desenhos animados e seriados televisivos sob olhares infantis” é de autoria de Joice Araújo Esperança e de Cleuza Sobral Dias. O artigo traz reflexões acerca do consumo televisivo na infância, buscando conhecer as interações que as crianças estabelecem com as produções televisivas e identificando suas aprendizagens construídas ao se apropriarem das mensagens e conteúdos veiculados por esta mídia, focalizando o desenho animado *Três Espiãs Demais* e o seriado *Power Rangers Força Animal*. O gênero é categoria de análise, evidenciando que as produções televisivas direcionadas às crianças constroem representações marcadas por oposições e dualismos, ensinando modos de ser menina e menino.

Encerrando a revista, a resenha da obra **“As sete competências básicas para educar em valores”** de autoria de MARTÍN, X.; PUIG, J. foi escrita por Leonardo de Souza. As sete competências básicas para educar em valores são: a) ser você mesmo; b) reconhecer o outro; c) facilitar o diálogo; d) regular a participação; e) trabalhar em equipe; f) fazer escola e g) trabalhar em rede.

Agradecemos à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSM que, ao longo de 2010, nos apoiou com o “Programa Pró-Revistas”.

Boa leitura!

Profa. Dra. Cláudia Ribeiro Bellochio – Editora
Profa. Dra. Lúcia Salete Celich Dani – Organizadora do Dossiê

¹ In: Parrat-Dayan Sílvia e Tryphon Anastacia, *Sobre a pedagogia*, 1998, p. 154, 155, 156.